

Salvar la nación oriental: política e cultura no Uruguai dos anos 1910-1920

Gabriel Sordi
Doutorando em História pela Unicamp
gsordi@gmail.com

Em seu livro *Salvar la nación* (2006), a historiadora argentina Patricia Funes¹ empreendeu um grande esforço ao apresentar as iniciativas de diversos grupos de intelectuais latino-americanos que, no entreguerras, repensaram o papel e a constituição de suas nações de origem, particularmente, e da América Latina, como um todo. Em suas próprias palavras, a autora diz que pretendeu “analizar los contenidos e intenciones que adoptó la reflexión acerca de la nación entre los intelectuales latinoamericanos en la década de 1920.”²

O contexto favoreceu tais revisões. Em primeiro lugar, no início do século XX, o clima de revisão e ponderação provocado pela aproximação da época em que se comemorariam os centenários de independência na maior parte dos países da América Latina. Um século após a conquista de suas soberanias políticas, as nações latino-americanas encontravam-se em patamares socioeconômicos que ainda faziam-nas serem caracterizadas como “subdesenvolvidas”, levantando inevitáveis questionamentos acerca das causas desse subdesenvolvimento – ainda mais contrastando-se esse fato com os discursos (mormente da primeira metade do século XIX) que pregavam ser a conquista da independência a garantia inequívoca de futuros prósperos.

No plano político, diversos conflitos impactaram, cada qual a seu modo, as reflexões políticas latino-americanas na década de 1910 e na subsequente: a Revolução Mexicana, por desvelar as possibilidades de êxito no enfrentamento a oligarquias *terratenientes*; a 1ª Guerra, pela destruição, em parte, do ideal modelo de “nação racional” europeia; e a Revolução Russa, pela efetivação do paradigma político do comunismo, inédito no concerto das nações. Além disso, a oposição ao “Gran Garrote”, a política econômica do *Big Stick* norte-americana, era crescente entre os intelectuais – além de diversos textos e artigos de revistas, como exemplo máximo podemos mencionar o primeiro dos cinco pontos presentes no texto “¿Qué es el

APRA?” (1926) do peruano Haya de la Torre, que desejava lançar as bases fundacionais da *Alianza Popular Revolucionaria Americana*: “1) Acción contra el imperialismo yanqui.”³

Certo “antieuropeísmo” também foi traço marcante no período, embora um tanto quanto paradoxal, pois o pensamento europeu continuou influenciando diretamente (de modo disfarçado ou franco) a produção intelectual latino-americana, haja vista a influência que por aqui tiveram pensadores como o alemão Oswald Spengler e seu *O declínio do Ocidente* (cuja primeira edição é de 1918), os espanhóis José Ortega y Gasset e Miguel de Unamuno, o francês Henri Bergson, além de Lênin, Freud, Einstein⁴ e tantos outros. Assim, para além dos acontecimentos históricos do período, novos posicionamentos intelectuais também incentivaram autorreflexões e revisões críticas em toda a América Latina, ainda que por aqui se buscasse, em teoria, certa autonomia de pensamento. Os estudantes que iniciaram a revolução acadêmica em Córdoba, por exemplo, em seu *Manifiesto Liminar* de 1918, reivindicaram tal autonomia ao se proclamarem cômicos de estarem “vivendo una hora americana”, expressão que depois se tornará recorrente ao longo do século XX.⁵

Funes, em seu livro, buscou coletar exemplos dessa reflexão relativos à salvação das nações latino-americanas – e, inversamente, como os povos dos respectivos países poderiam ser salvos por elas. Pela sua origem (a Argentina) e por escolhas em sua carreira acadêmica, a historiadora enfocou (embora não limitou) *ex profeso*⁶ o estudo em três países, antigas maiores sedes do poder espanhol nas Américas: Peru, México e Argentina. Assim, a autora priorizou analisar o impacto da ação e produção intelectual, dentro e fora dos respectivos países, de mexicanos como José Vasconcelos, Alfonso Reyes e Andrés Molina Enríquez, que, nas décadas de 1910 e 1920, procuravam “ordenar el cambio” produzido pela Revolução Mexicana; de peruanos como Víctor Andrés Belaúnde, José Carlos Mariátegui e Victor Raúl Haya de La Torre, que procuraram “cambiar el orden”⁷ social e política no Peru de então; e de argentinos como José Ingenieros, Ricardo Rojas e Leopoldo Lugones, que, em meio ao processo de imigração, democratização e relativo desenvolvimento argentino, questionaram os fundamentos e limites de tais ampliações sociais, econômicas e da cidadania. O período foi abundante na produção de obras que de imediato ou posteriormente tornaram-se cânones literários nacionalistas.

O presente artigo pretende focar, também, a situação de tal debate no Uruguai, no mesmo período, e apresentar as peculiaridades e originalidades das ações políticas do pensamento e da produção intelectual e cultural uruguaia que se orientaram tanto à revisão da leitura de seu passado, enquanto nação, quanto a novas projeções que pudessem também “salvar” e modificar os destinos da nação uruguaia.

Do ponto de vista político, o Uruguai viveu um relativo período de estabilidade no início do século XX, o chamado período do *batllismo* – comparando-se com os diversos períodos de guerras entre colorados e blancos pela disputa do poder durante a segunda metade do século XIX. Os governos do colorado José Batlle y Ordóñez (1903-7 e 1911-5) e sua posterior influência política (o fim do período batllista costuma ser datado apenas em 1958, com a volta dos blancos ao poder executivo) dividem opiniões historiográficas entre teóricos do “partidocentrismo colorado” e aqueles que defendem que no período viveu-se, finalmente, um real clima de democracia e respeito ao pluralismo político do país. De qualquer maneira, são inegáveis as mudanças políticas e sociais impulsionadas pelo projeto reformista batllista, como a mudança de incentivos político-econômicos da pecuária para a indústria (têxtil, metalúrgica e de transportes) e outros setores agrícolas (como o plantio da cana e produção de álcool e açúcar), a construção de escolas no interior (no chamado “Uruguai profundo”) e a promulgação de uma legislação trabalhista.⁸ Essas mudanças foram apresentadas aos uruguaios pelo próprio governo da época como uma cultura política de modernização⁹ e superação do antigo Uruguai *caudillesco* do século XIX; sintomático, nesse contexto, foi o esforço para a elaboração de uma nova constituição, resultado de um inédito “acuerdo entre los dos partidos tradicionales”¹⁰, o blanco e o colorado, e que foi promulgada em 1918, substituindo a então quase centenária 1ª Constituição Uruguaia de 1830.

Outro fator que gerou uma grande modificação social foi a onda de imigração europeia para o Uruguai, da segunda metade do século XIX ao início do século XX. A vinda de grandes contingentes de italianos, espanhóis, ingleses, poloneses e judeus de diversas nações europeias chegou a fazer do Uruguai um país onde um terço de seus habitantes era composto por estrangeiros.¹¹ O intelectual uruguaio Alberto Zum Felde (1889-1976), no terceiro volume de seu *Proceso intelectual del Uruguay*, escreveu sobre os “malefícios” de tal onda imigratória para o ensino universitário uruguaio, sobre como os estrangeiros lá estabelecidos não pensavam em ingressar

nas universidades para expandir o conhecimento acadêmico no Uruguai, mas apenas para obterem diplomas e garantirem uma melhor colocação profissional no país.¹² Seja como for, esses imigrantes não deixaram de imprimir sua marca, de trazer aportes à configuração sociocultural do país.

Foi, portanto, nesse contexto de relativo crescimento econômico, demográfico e político-social que esteve imersa a intelectualidade uruguaia do período. Pouco tempo antes, na virada do século XIX para o XX, o debate filosófico preponderante no Uruguai travado em cafés, na imprensa e nos centros educacionais (como no *Ateneo* de Montevideu) foi marcado pela disputa entre positivistas e espiritualistas – a própria *magnum opus* de José Enrique Rodó, *Ariel*, emersa desse debate, foi originalmente publicada em 1900. A partir da década de 1910, a superação das ideias positivistas e das escolas modernas (do século XIX) passou a ser a tônica nos meios filosóficos e artísticos influenciados pelo movimento *ultraísta* espanhol e pelos demais movimentos vanguardistas europeus. Temas como a valorização do subconsciente, dos sonhos, do absurdo e novas técnicas de escrita que buscaram abandonar antigas formas narrativas (o uso do verso livre na poesia, principalmente) foram as principais inovações no campo da escrita literária uruguaia.

O estopim “de reacción contra la estética del Modernismo, tiene por órgano inicial ‘Los Nuevos’, que en 1920 publica Ildefonso Pereda Valdés, en complicidad con otros camaradas juveniles”¹³. A revista publicou trabalhos da vanguarda europeia e latino-americana (Apollinaire, Jean Cocteau, Pierre Reverdy, Vicente Huidobro) e serviu como espaço de apresentação dos poemas do próprio Pereda Valdés (1899-1996) e de outros uruguaiois. Além de *Los Nuevos*, de duração efêmera (como muitas publicações correlatas da época), diversas outras revistas que tinham o mesmo propósito de divulgação literária foram criadas nesse período, sendo algumas mais duradouras, como *La Cruz del Sur*, *Teseo* e *La Pluma*.¹⁴

Nesse campo, o da poesia, algumas figuras uruguaias tiveram bastante destaque não só em seu país, mas também internacionalmente. Juana de Ibarbourou (1892-1979), conhecida por “Juana de América”, talvez tenha sido o expoente máximo dessa geração. Debutou com *Las lenguas de diamante* (1919) e, apesar de ter escrito diversos livros em prosa, foi na poesia onde se sagrou a “poetisa pagana... [do] sano y simple amor de los instintos, sin complicaciones psicológicas y sin tristezas metafísicas”, com toda a sensualidade e gozo das sensações “que la época

intelectualista casi había perdido”¹⁵ demonstrados em *Las lenguas* e em outras obras, como *El cántaro fresco* (1920), *Raíz salvaje* (1922) e *La rosa de los vientos* (1930).

Outros poetas que, cada qual a seu modo, incorporaram aspectos vanguardistas em sua produção foram, entre outros, o médico e filósofo Emilio Oribe (1893-1975), com seus poemas intimistas e idealistas; Jesualdo Sosa (1905-1982) que, famoso por sua epopeia *Artigas: del vasallaje a la revolución* (1940), havia, nas décadas de 1920 e 1930, dedicado-se a escrever poesias com caráter pedagógico à juventude uruguaia; além do casal de poetas Roberto Ibáñez (1907-1978) e a hermética “Gran” Sara de Ibáñez (1909-1971). O pensamento futurista também esteve presente, nas páginas de *Polirritmos* (1922) e *Himnos del Cielo y de los Ferrocarriles* (1924) do poeta peruano-uruguaio Juan Parra del Riego (1894-1925).

Mas, embora os principais expoentes da poesia uruguaia do início do século XX tenham se destacado pelas inovações estéticas e temáticas de sua poesia, seus trabalhos não se debruçaram majoritariamente sobre os elementos pátrios, sobre o repensar a sua própria nação, e sim sobre elementos ou reflexões que poderíamos atribuir como universais. Outro poeta uruguaio de grande destaque no período, talvez quem melhor represente o que aqui se assevera, foi Julio J. Casal (1889-1954) que, em obras como *Allá lejos*, de 1912, *Llanuras y cielos*, de 1914, e *Huerto maternal*, de 1919 (publicadas primeiramente na Espanha, enquanto lá residia como cônsul), demonstra toda sua inclinação ao universal – ele que já chegou a afirmar que “no hay más realidad que el espíritu ni outra patria que la vida”¹⁶.

Tal elemento, na prosa uruguaia, também esteve mais em voga, o de busca por mudanças sociais ou espirituais não apenas locais ou nacionais, mas universais – mesmo porque, muitos destaques da literatura uruguaia dessa época são apenas resultados de uma certa “nacionalización de la cultura occidental”¹⁷. A valorização da singularidade que, em certa medida, teve aí espaço, não foi inédita ou rompeu bruscamente com algo já praticado anteriormente. O *criollismo*, a valorização do típico Uruguai interiorano, corrente literária já em voga no final do século XIX, foi retomado apenas com uma ou outra mudança vanguardista. A nova corrente nativista, que teve Fernán Silva Valdés (1887-1975) como um de seus principais expoentes, não estava muito “más allá del mero tipismo y costumbrismo pintorescos, que la limitan a una sub-literatura regional”¹⁸, não superando o impacto e a fama que havia tido Eduardo

Acevedo Díaz (1851-1921) e sua obra do final do século XIX, de onde destaca-se a tetralogia *Ismael* (1888), *Nativa* (1890), *Grito de gloria* (1893) e *Lanza y sable* (1914).

Houve, portanto, mudança do método, mas não dos motivos, do tema, no que tange à nação e seu conteúdo, quando estes se fizeram presentes na literatura uruguaia do período. Zum Felde comentou que, assim, “lo puramente nacional, desviándose hacia un nacionalismo literario, de alcance necesariamente restringido, [acabou se tornando] de uso nacional también”, de consumo interno, difícil de ser exportado.¹⁹

Nas artes plásticas, dois pintores se destacaram pela produção inovadora que procurou repensar e revalorizar a história, a cultura e a sociedade uruguaias: Pedro Figari (1861-1938) e Joaquín Torres García (1874-1949). O primeiro iniciou sua carreira tardiamente, com quase 60 anos de idade; após enviuvar, mudou-se com seus filhos para Buenos Aires e, de lá, retratou a vida social e cultural uruguaia, a partir da década de 1910, em vasta produção (frequentemente de difícil datação, haja vista a voracidade com que produzia) em pinturas que retrataram o cotidiano uruguaio, como *Paisano*, *Mientras la bocha rueda*, *Candombe* ou *Jugando al truco*.

Juan Manuel Blanes (1830-1901), outro eminente pintor uruguaio, já havia pintado os costumes orientais em quadros como *El descanso* (185-), *Atardecer* (1875) ou *La taba* (1878), mas suas obras são marcadas por um academicismo típico da segunda metade do século XIX. As mais conhecidas são, justamente, cenas históricas, de personalidades ou de batalhas como, respectivamente, *El juramento de los Treinta y Tres Orientales* (1877), *Artigas en la ciudadela* (1884) e a inconclusa *Batalla de Sarandí* (1901). Figari, por seu turno, retratou as cenas cotidianas uruguaias com uma simplicidade, familiaridade e perspicácia que lhe são muito próprias e que, justamente por isso, lhe renderam fama. Os títulos das pinturas, como *La muerte* (em que um touro encara diversos toureiros), *La tentación* (em que duas mulheres brancas olham, enciumadas, para um negro cortejando outra mulher negra), *El lobizón* (em que dois *gauchos* conversam) ou *Comercio vil* (em que três damas aguardam serem escolhidas em um cabaré), propõem uma reflexão muito maior do que suas simples imagens, pintadas em estilo *naïf*, parecem supor, e dão assim outra leitura aos costumes uruguaios, que já eram lugar-comum na pintura oriental durante o século XIX.

Já Torres García (com produção que data do início do século e atravessa as décadas de 1910 e 1920, aqui analisadas), além de pintor, foi escultor, professor e prolífico ensaísta, tendo inclusive criado um movimento estético, o *universalismo constructivo*, e a proposição de inversão dos valores culturais apregoados pelos Estados Unidos e Europa, eternizada na célebre frase “porque en realidad, nuestro norte es el sur” – presente em seu texto *La escuela del Sur*, de 1935 – e em várias pinturas em que dá um giro de 180° na ordinária representação do mapa americano, como em *América invertida* (1943). Sob esses aspectos, a obra de Torres García também se apresenta nitidamente como inovadora e marcando drásticas rupturas vanguardistas, ao mesmo tempo em que propunha à arte uruguaia a realização de uma outra leitura de si, mais autônoma.

Torres García, contudo, não teve uma atuação política em um sentido estrito. Imerso num período artístico usualmente classificado como *Generación del Centenario* (a geração de artistas em torno de 1930, ano em que se celebrou o centenário da 1ª Constituição uruguaia), Torres García mostrou-se dono de um pensamento e de uma atuação muito característicos, sem um maior relacionamento artístico com essa *Generación*. Alberto Zum Felde já afirmara que, entre os componentes da anterior geração, a *Generación del 900*, “no hay unidad sino diversidad... Rodó poco tiene de común con Reyles, o Florencio Sánchez con Herrera y Reissig, o Vaz Ferreira con Horacio Quiroga”²⁰. Já a geração do centenário pode sim ser caracterizada como formadora de uma certa unidade, com o já citado poeta Roberto Ibáñez e os escritores Francisco Espínola (1901-1973) e Juan José Morosoli (1988-1957) formando parte de uma corrente *criollista* que pouco tem a ver com as inovações e com a releitura propostas por Torres García.

Assim, como se pôde perceber, embora profícua e digna de nota (e mesmo considerando-se que toda a produção artística evidencia, de uma maneira ou de outra, um posicionamento político), não foi no campo da poesia, da literatura ou das artes plásticas que o Uruguai debruçou-se rigorosamente sobre uma salvação política de sua nação, campo analisado por Funes em outros países da América. Será em outro campo, o da revisão de sua “história oficial”, o lugar onde se operaria uma profunda cisão com visões passadas e novas projeções que idealizariam o Uruguai tanto de outrora, como o do porvir.

Às vésperas das comemorações do centenário de independência, houve a necessidade premente dos governos do chamado “primeiro batllismo”²¹ em promovê-las. Para tanto, foi necessário um olhar ao passado, certa revisitação que, no caso uruguaio, teve suas particularidades, comparada a revisões realizadas em outras nações latino-americanas. Uma dessas peculiaridades foi o lugar onde se buscou pontuar a origem da nação. Funes disse que, na América Latina da época,

La nación se vuelve más antigua. Abordaremos cierta paradoja: cuanto más drásticas son las revisiones, más atrás en el tiempo se retrotae la búsqueda de símbolos para legitimar linajes y prosápias. El Tawantinsuyu, el Ayllu, Quetzacoátl, el Cóndor de Chauvín, la comparación arqueológica entre la civilización azteca y la egipcia o el símil literario del *Martín Fierro* con la *Chanson de Roland*.²²

No México e Peru, principalmente, os passados pré-hispânicos asteca e inca foram buscados (e idealizados) como os momentos de início da configuração do que posteriormente seria interpretado como a nacionalidade mexicana ou peruana. No Uruguai, contrariamente, o surgimento da nacionalidade foi posto como coincidindo com a luta pela emancipação de outros domínios externos, ocorrida no início do século XIX. A gesta de José Gervasio Artigas (1764-1850), entre 1810 e 1820, contra os domínios espanhol, argentino e luso-brasileiro, respectivamente, foi alçada ao grau de “fundadora da pátria”, e o herói ao grau (oficial) de “Jefe de los Orientales” – não sem a superação de uma controvérsia historiográfica que percorreu o século XIX, por conta das descrições biográficas de Artigas.²³

Posto que, como a independência em si, seu principal herói promotor também devesse ser laureado, diversas realizações foram levadas a cabo com esse intuito. Uma delas, de aspiração que remonta ao fim do século XIX, foi a de construção de um monumento ao prócer que figura na *Plaza Independencia*, em Montevideu, sobre o mausoléu do mesmo, desde 1923. Aberto um concurso de esculturas (do qual sairia vencedor o italiano Angelo Zanelli), para inspirar os participantes, foi decretado pelo então presidente Claudio Williman que:

Designase al doctor Juan Zorrilla de San Martín para que, de acuerdo con las instrucciones del Gobierno, prepare una Memoria sobre la personalidad del General Artigas, y los datos documentarios y gráficos que puedan necesitar los artistas.²⁴

Ao que Zorrilla de San Martín (1855-1931) respondeu, como poeta, que:

Con satisfacción sólo comparable al temor que me infunde la desproporción entre mis fuerzas y la magnitud de la honrosa tarea que se me confía, acepto agradecido la de dar a los artistas, de acuerdo con las instrucciones del Gobierno, el canon del monumento que se levantará, por fin, en Montevideo, a nuestro grande Artigas.²⁵

A memória que Juan Zorrilla de San Martín escreveu saiu muito maior do que a encomenda: foram ao todo cinco tomos, intitulados como *La epopeya de Artigas*, totalizando quase duas mil páginas e que, depois de publicadas, logo se transformaram numa das mais famosas biografias sobre o herói. Além desta, à época também foi composta outra monumental obra intitulada *José Artigas: Su obra cívica; Alegato histórico* (em três tomos, totalizando outras duas mil páginas), de autoria de Eduardo Acevedo Vázquez (1857-1948), outro político influente do período batllista. Seu filho, Eduardo Acevedo Álvarez (1893-1967), editor da publicação *El Día* (fundada por Batlle em 1886), chegou inclusive a se tornar Ministro de Economia e Finanças no colorado *Consejo Nacional de Gobierno* (1952-1955).

As duas obras, procurando extirpar a “leyenda negra” que, ao longo do século XIX, perseguiu a figura de Artigas, foram as principais artífices da “leyenda de bronce” do caudilho. Posteriormente, foi essa a imagem que logrou fixar-se nas versões da história pátria e acabar, por fim, incorporada à *Tesis Independentista Clásica* uruguaia – criação do famoso historiador Juan E. Pivel Devoto (1910-1997) que, não por acaso, teve, em 2004, uma série de artigos compilados e editados pela Biblioteca Artigas do Ministério da Educação e Cultura uruguaio sob o título *De la leyenda negra al culto artiguista*.

Outras ações políticas batllistas denotaram a vontade de modificação da leitura oficial que o Uruguai fazia de si e de sua história, na década de 1910, com a então revalorização de Artigas. Uma das principais foi a modificação da iconografia de suas moedas; todas as cunhagens realizadas de 1840 a 1909 tinham gravadas ou o desenho do Sol de Maio (símbolo do deus inca Inti, que também representa a Revolução de 1810 iniciada em Buenos Aires e que está presente tanto na bandeira argentina quanto na uruguaia) ou o Escudo Nacional uruguaio. Para uma nova cunhagem em 1916, foi estabelecido que “en el reverso irá el busto de Artigas, rodeado por la siguiente leyenda: ‘Con libertad ni ofendo ni temo’, y se grabará en la parte inferior el nombre ‘Artigas’ y el valor de la moneda”.²⁶ Essa iniciativa de

colocação do busto de Artigas nas moedas perdurou ao longo de todo o último século, inclusive em moedas que valem até hoje cujas cunhagens datam de 1994 a 2011.

Do ponto de vista da nomenclatura de localidades, a capital do estado (*departamento*, no Uruguai) mais setentrional do país passou a se chamar também Artigas em 1915, em homenagem ao herói, deixando de lado o antigo nome San Eugenio del Cuareim. Outra ação nesse sentido, pode ser destacada na década seguinte: o departamento de Lavalleja apenas recebeu esse nome em 1927; até então, era chamado de Minas, homônimo de sua capital. A mudança aconteceu para homenagear outro herói da independência e antigo caudilho artiguista, Juan Antonio Lavalleja (1784-1853, nascido em Minas), em consonância com a política de revalorização historiográfica aqui analisada.

Por todas essas ações destacadas, poder-se-ia então, por fim, asseverar que a mudança da autoleitura de nação realizada no Uruguai, durante as décadas de 1910 e 1920, partiu dos políticos que governaram o país nesse período, ou da intelectualidade que a eles esteve ligada. Ao destaque que o batllismo imprimiria na sociedade e na economia uruguaias – cuja relativa prosperidade levaria o país a ganhar, anos mais tarde, o apelido de “Suíça latino-americana”²⁷ – pode-se acrescentar que também no campo da formatação da nacionalidade uruguaia alguns dos esforços políticos batllistas foram cruciais. Conforme afirmou Marcos Alves de Souza,

(...) além de modernizar o Uruguai, imprimindo-lhe precocemente características políticas, econômicas, sociais e ideológicas que muitos países da América Latina somente iriam conhecer com os chamados “populismos”, o primeiro batllismo também realizou a consolidação tardia do Estado-nação uruguaio, superando as guerras civis intestinas e transformando as discussões políticas em veículos condutores do desenvolvimento do país.²⁸

Assim, além da cultura, dos costumes, dos símbolos pátrios, o que se entende por pertencente à nacionalidade uruguaia do ponto de vista histórico deve-se muito às ações políticas realizadas nesse período, ações estas que colocaram o herói José Artigas como centro da configuração dessa nacionalidade: a construção do mausoléu, a cunhagem das moedas, a modificação do nome de localidades, a publicação dos livros que o exaltaram. Foram essas ações que, buscando tal conformidade de visão em torno da figura de Artigas, buscaram certa unidade de interpretação que almejava, ao fim, uma unidade também em torno do ideal político que se buscou implementar

no período para, por fim, *salvar* a nação uruguaia, tornando-a grande frente ao concerto das demais nações.

O período analisado foi prolífico, como se demonstrou, em diversos países da América Latina, o Uruguai incluso, na realização de revisões e novas projeções acerca do caráter de suas nacionalidades. Embora o movimento ainda fosse, majoritariamente na cultura, uma resposta a provocações intelectuais e estéticas vindas de fora, a política de exaltação de seu “herói único”, promovida pelo batllismo, imprimiu certa originalidade no movimento que se estabeleceu no Uruguai do período, talvez só comparável aos esforços de exaltação da figura de Bolívar promovidos nas repúblicas originadas da fragmentação do antigo Vice-reino de Nova Granada.

Se tal esforço, almejando a integração da nacionalidade uruguaia em torno da mesma órbita, propiciou algum estímulo e real crescimento cultural, social ou econômico posterior, essa é outra questão – como o é nos demais países latino-americanos, que muitos anos após essa década de “*salvación de la nación*” ainda seriam taxados como subdesenvolvidos, pertencentes ao Terceiro Mundo, etc. Isso porque, nas palavras de Zum Felde,

La independencia económica, como la independencia cultural, son el complemento necesario de la independencia política; y aunque parezca paradójico, más difíciles de conquistar. Esta América es una prueba.²⁹

E o Uruguai, “una prueba a más”.

¹ Professora de História Social Latino-americana da Universidad de Buenos Aires - UBA e pesquisadora do Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas - Conicet.

² FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 12.

³ Citado em FUNES, 2006, p. 126.

⁴ O relativismo cultural, pensamento derivado do relativismo presente nas teorias científicas de Einstein, coadunou-se com a busca de novas e originais alternativas na América Latina: “Por la resquebrajadura de los absolutos, los ensayistas latinoamericanos sacarían conclusiones artísticas, filosóficas y hasta poéticas de la ‘relatividad’. Probablemente una excusa o un ‘permiso’ para desplegar creativities” (FUNES, 2006, p. 29).

⁵ Patricia Funes escreveu um artigo, em parceria com Waldo Ansaldi, sobre o tema: ANSALDI, Waldo; FUNES, Patricia. *Viviendo una hora americana: acerca de rupturas y continuidades en el pensamiento en los años veinte y sesenta*. *Cuadernos del CIEHS*, La Plata: UNLP, nº 4, 1998.

⁶ Como a própria autora afirma em FUNES, 2006, p. 19.

⁷ FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006, p. 20.

⁸ Além do sufrágio universal (o Uruguai foi o primeiro país da América Latina a aprovar o voto feminino, em 1927) e de plebiscitos, José Batlle promoveu uma “abundante legislação social e trabalhista em

benefício das classes trabalhadoras: a grande batalha pela jornada de oito horas, os seguros contra acidentes de trabalho, a implantação das aposentadorias, a proteção aos velhos (pensões à velhice), a ajuda aos enfermos (assistência pública), [e o] ensino (laico e gratuito).” (Benjamin Nahum, *La época batllista: 1905-1929*. In: SOUZA, Marcos Alves de. *A cultura política do “batllismo” no Uruguai: 1903-1958*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2003, p. 30-1).

⁹ A autopromoção do ideário batllista foi amplamente analisada pelo historiador brasileiro Marcos Alves de Souza (SOUZA, 2003).

¹⁰ “Brum y la nueva Constitución”. In: ALVAREZ MONTERO, Miguel (Ed.). *El País: documento de la historia*. tomo I, Montevideo: El País S.A., 1998, p. 13.

¹¹ Sobre este assunto e as estatísticas, cf. ODDONE, Juan A. La formación del Uruguay moderno, c.1870-1930. In: BETHELL, Leslie (Ed.). *Historia de América Latina, vol.10: América del Sur, c.1870-1930*. Barcelona: Editorial Crítica, 1992, p.118-34.

¹² “La crisis de la cultura universitaria”. In: ZUM FELDE, Alberto. *Proceso intelectual del Uruguay: crítica de su literatura*. Tomo III: La promoción del Centenario. 5ª edição, Montevideo: Ediciones del Nuevo Mundo, 1987, p. 33-54.

¹³ ZUM FELDE, 1987, p. 12.

¹⁴ Esta última dirigida pelo próprio Alberto Zum Felde, cf. ZUM FELDE, 1987, p. 13.

¹⁵ ZUM FELDE, 1987, p. 57.

¹⁶ “Así nació Alfaro”. In: CASAL, Selva. *Mi padre Julio J. Casal*. Montevideo: Alfaro, 1987, p. 11.

¹⁷ ZUM FELDE, 1987, p. 18.

¹⁸ ZUM FELDE, 1987, p. 18-19.

¹⁹ ZUM FELDE, 1987, p. 20.

²⁰ ZUM FELDE, 1987, p. 23; Zum Felde conta (p. 24-25), inclusive, que o primeiro tomo e edição deste seu livro, *Proceso intelectual del Uruguay*, foi inicialmente lançado no ano do centenário (1930) e patrocinado pela “Comisión Nacional” uruguaia de celebração da data.

²¹ Da ascensão de Batlle à presidência do Uruguai, em 1903, ao golpe de estado do presidente Gabriel Terra, em 1933.

²² FUNES, 2006, p. 18-19.

²³ Detalhei o assunto em minha dissertação de mestrado, cf. “A cruzada de Acevedo contra Pedro Feliciano Cavia” e “Do banco dos réus ao panteão da História”. In: SORDI, Gabriel, “*El Protector y su Pueblo Libre*”: a representação do caudilho José Artigas no centenário de sua morte (1950). Dissertação (mestrado), Campinas: Unicamp/IFCH, 2009, p. 51-61 e 74-83.

²⁴ *Artículo 4º* do Decreto de 10/05/1907. In: ZORRILLA DE SAN MARTIN, Juan. *La epopeya de Artigas: Historia de los tiempos heroicos de la República Oriental del Uruguay*. Tomo I. Montevideo: Imprenta Nacional Colorada, 1930, p. 9.

²⁵ Carta de 27/05/1907 ao “Excmo. señor Ministro de Relaciones Exteriores, doctor don Jacobo Varela Acevedo”. In: ZORRILLA DE SAN MARTIN, 1930, p. 11.

²⁶ *Artículo 3º* da Lei 5.368 de 03/01/1916, “Moneda de plata nacional circulante: su reacufación por el Banco de la República”. In: Ministerio de Hacienda de la Republica Oriental del Uruguay, Registro Nacional de Leyes y Decretos. Montevideo, 1916, p. 5.

²⁷ Sobre o assunto, ver MARQUES, Teresa Cristina Schneider. A construção e a desconstrução da imagem da “Suíça latino-americana” no Brasil: o Uruguai. Anais do VII Encontro Internacional da Anphlac - Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas. Campinas, 2006.

²⁸ SOUZA, 2003, p. 100.

²⁹ ZUM FELDE, 1987, p. 16.